

## **Por trás da tela: a experiência de ensino de estudantes da saúde no contexto da Covid-19**

Eucenir Fredini Rocha<sup>1</sup>

Ana Claudia Camargo Gonçalves Germani<sup>2</sup>

Grupo de Educadores da Atenção Primária à Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo<sup>3</sup>

Ana Carolina Basso Schmitt<sup>4</sup>

22

### **Resumo**

A pandemia COVID-19, como tragédia coletiva, trouxe também desafios nas atividades de ensino na saúde. Este ensaio foi elaborado por um grupo de educadores dedicados à formação dos estudantes das graduações em medicina, fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional para Atenção Primária à Saúde, à luz de Walter Benjamin. No ensino remoto, a sensação de que o tempo passa rápido e de que um espaço específico se faz desnecessário, provoca uma falsa aproximação dos sujeitos e um afastamento da consciência histórica. Parece que houve um encolhimento do mundo, tudo está próximo, porém, nada está presente. A experiência está empobrecida. A narrativa é um convite a reflexões sobre educação em saúde, sobretudo na Atenção Primária à Saúde e o que pode estar por trás da tela tem muitas possibilidades, mas com certeza é necessário resgatar a humanização das relações.

### **Palavras-chave**

Ensino online; Ensino superior; Atenção primária à saúde; COVID-19; Educação interprofissional.

Recebido em: 19/10/2021

Aprovado em: 26/09/2022

---

<sup>1</sup> Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. e-mail: eucenir@usp.br.

<sup>2</sup> Departamento de Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. e-mail: [accggermani@usp.br](mailto:accggermani@usp.br).

<sup>3</sup> Grupo de Educadores da Atenção Primária à Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: Ana Paula Andreotti Amorim, Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza, Carolina Hart Rodes, Daniela Regina Molini-Avejonas, Gustavo Kang Hong Liu, Itamar de Souza Santos, Mariana Eri Sato, Ralf Braga Barroso, Silvia Cristina Sawada, Tatiana Milla Mandia e Thais Moura Ribeiro do Valle Nascimento. Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

<sup>4</sup> Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. e-mail: carolinaschmitt@usp.br

## ***Behind the screen: the experience of teaching health students in the context of Covid-19***

### ***Abstract***

The COVID-19 pandemic is a collective tragedy that brought challenges in health education activities. This essay was developed by a group of educators dedicated to train undergraduate students of medicine, speech therapy, physiotherapy and occupational therapy in Primary Health Care, based in Walter Benjamin`s studies. In online education, the feeling that time passes quickly and that specific space to education is unnecessary causes a false people proximity and a decrease of historical consciousness. It seems that the world is shrinking with everything close, however nothing is present. Experience is very poor. The narrative is an invitation to reflect on health education, especially in Primary Health Care, and what may be behind the computer screen has many possibilities, but it is certainly necessary to rescue humanization relations.

### ***Keywords***

Online education; University education; Primary health care; COVID-19; Interprofessional education.

*Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a  
fazer outras maiores perguntas (GUIMARÃES ROSA -  
Grande Sertão Veredas)*

## **Apresentação**

Este ensaio é sobre a experiência de como está sendo o processo de ensino de estudantes de medicina, fonoaudiologia, fisioterapia e terapia ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para Atenção Primária à Saúde (APS) no momento de Covid-19 na perspectiva de um grupo de educadores dessa instituição. O que está por trás da tela?

Propõe-se aqui uma narrativa sobre a experiência vivida pelos educadores dessas áreas profissionais com a suspensão dos *cotidianos* institucionais no processo de ensino e aprendizagem acontecidos no contexto da formação em graduação, concomitante ao *tempo* da pandemia da Covid-19 em 2020 e 2021. Assim, será narrado como ocorreu o processo de adaptação da organização do trabalho de ensino para a APS, nas atividades didáticas desenvolvidas nos *espaços* das salas “virtuais” de aula, nas ações realizadas nas unidades básicas de saúde (UBS) e em seus territórios, assim como as iniciativas ocorridas na dinâmica constituída nesse processo e, principalmente, como essa experiência vivida como tragédia coletiva afetou os educadores e educandos.

## **A narrativa, a experiência, os narradores**

Neste ensaio considera-se a “experiência” (Erfahrung) em sua historicidade, tal como proposto por Walter Benjamin, filósofo da escola de Frankfurt. Experiência em oposição à vivência (Erlebnis). Para o filósofo, a experiência-narrativa insere-se na dimensão do vivido, não se trata de uma abstração desta, não existe experiência a não ser pela narrativa, ou seja, narrar é experimentar, é viver.

A narrativa [...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994a , p. 205).

Na perspectiva benjaminiana o narrador é o principal responsável pelo resgate das tradições e ensinamentos. No entanto, na sociedade moderna, ele nem sempre é reconhecido em sua importância (BENJAMIN, 1994a) e corre, desse modo, o risco de ser desqualificado em sua ação.

Segundo o autor, o narrador produz uma narrativa, cuja ação é contar as experiências humanas, individuais e sociais. Assim, a narrativa expõe aspectos da vida, acontecimentos, contos de algum grupo social dentro de um período histórico e, desse modo, ajuda a compreender aspectos da vida presente em determinadas situações (BENJAMIN, 1994a). Portanto, a narrativa não é um conjunto de informações, de dados pontuais e/ou passageiros, tão valorizados no mundo atual. Sua potência é rememorar/recuperar a humanidade, principalmente em momentos de tragédias.

Para o pensador, a tecnologia, advinda da ascensão do capitalismo industrial no início do século XX e da primeira guerra mundial (1914-1918), produziu o silêncio do narrador, a emergência da ideia de “vivência” (Erlebnis), composta por dados isolados, em consequência da violência, do trabalho alienado e fragmentado, das ideias de progresso e de produtividade intensa e ininterrupta. Trata-se da “barbárie negativa” decorrente do projeto burguês, como considerado por Benjamin e outros autores da escola de Frankfurt, onde o presente é vazio, o tempo linear, sem prospecção, sem um devir. Esse projeto produziu ainda uma cultura coletiva de vidro e aço, que para o autor são materiais antagônicos ao traço e ao rastro e em oposição à memória, ou seja, opostos à possibilidade da narrativa tradicional.

Essa condição se perpetua em momentos atuais, com a internet e a comunicação virtual. O mundo está com informações rápidas, fluidas, que se atualizam sistematicamente, que não oportunizam a reflexão, o pensamento. A memória, em tempos de agora não é cultivada - primam os dados que relatam vivências recortadas, fragmentadas e selecionadas em função da finalidade específica daquele que a posta nas redes sociais e, nesse sentido, a experiência vivida é esvaziada de sentidos. Esses traços estão presentes de maneira preponderante no ensino remoto. A experiência do aprendizado mediada pelas tecnologias virtuais fica esvaziada, pois as possibilidades de se estar presencialmente na sala de aula, no espaço universitário, no território, na comunidade, na UBS, com os usuários, com os profissionais e em trabalho de equipe ficaram comprometidas pelo distanciamento que foram exigidos pelas normas sanitárias.

Os espaços, as novidades, os imprevistos, os cheiros, os toques, o café e almoço conjunto, o centro acadêmico, o jardim, as conversas sobre as aulas e outros assuntos não ocorreram, enfim, os encontros não foram experienciados. Entrou-se e se saiu da tela. Não foram experimentados espaços comuns compartilhados por todos. A vida privada ficou presente na tela. A intimidade da vida familiar muitas vezes se apresentou nas aulas, com sons da moradia, irmãos, pais e outras pessoas e animais de estimação compartilhando o momento da interação virtual. Ocorreu uma indiferenciação entre as relações íntimas e as públicas e coletivas. A constituição de grupos, com experiências únicas, decorrentes da vivência cotidiana na instituição de ensino ficou, portanto, interdita.

O ensino remoto, nessa perspectiva, depaupera educadores e educandos, pode transformar os breves encontros em vivências, em informações, e pode silenciar as emoções, os afetos e pensamentos que advém da coexistência, proporcionadas pela presença in loco. Deste modo, com a pandemia, também no campo da educação, a experiência-narrativa em Benjamin, que já está empobrecida na modernidade e supõe uma vivência em um espaço comum, ficou comprometida.

Entende-se aqui que o educador tende a se constituir como um narrador, representante do conhecimento transmitido entre gerações, que em sua ação se propõe a abrir portas para novas narrativas. Essa tarefa já é difícil nos encontros presenciais em tempos modernos e no ensino remoto ela se complexifica, pois a forma virtual se apresenta como mais um obstáculo, que se assemelha muito ao encontro dos corpos com o vidro e com o aço: tem o espelho, a imagem refletida, a informação, mas não há o toque quente, a construção do pensamento, a alteração da cognição e da sensibilidade. Assim, a memória fica comprometida, porque a informação é aditiva, enquanto o pensar é tão seletivo quanto a memória o é, e a estrutura da experiência se encontra no conhecimento e só se desenvolve a partir dele.

Entende-se aqui que a pandemia do COVID-19 é uma tragédia coletiva e que está a afetar os indivíduos de diferentes formas. No campo do ensino em saúde essa condição é particularmente intensa. Profissionais da rede, educadores e estudantes foram e estão diretamente impactados pelas condições de trabalho e ensino vividas. São vidas de usuários e de profissionais que foram perdidas, adoecimentos importantes, inclusive de educadores e estudantes. O medo permeou a vida cotidiana.

Benjamin (1994) nos lembra de que os soldados da primeira guerra, ao retornarem do front, chegavam silenciados, sem condições de narrar o que aconteceu. A condição atual do COVID-19 também gerou situações de angústia, pânico, negação, entre vários outros sentimentos e comportamentos derivados do medo despertado pela doença. Isso não é diferente no meio acadêmico e de trabalho em saúde.

Como então construir experiências no campo do ensino em tempos de pandemia, em tempos de tragédias?

A proposta desse ensaio partiu de um grupo de educadores, que compartilham atividades de ensino no espaço institucional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que diante das condições impostas pela pandemia do COVID-19, do empobrecimento de suas atividades minimizadas à tela, se propôs a compreender a experiência vivida, narrando-a, captando, no possível, o espírito de uma época, como propõe o filósofo.

### ***As narrativas dos educadores em tempos do Covid-19***

A Subcomissão de Atenção Primária à Saúde subordinada à Comissão de Graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e às Comissões Coordenadoras de Curso da medicina, fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional foi oficializada em 2015, num esforço institucional de articular as experiências de ensino na APS dos cursos de graduação. Até o ano de 2020 a Subcomissão de Atenção Primária à Saúde dedicou-se prioritariamente a resolver as questões operacionais urgentes relacionadas ao ensino no campo da APS. Mesmo assim, ao longo de sua trajetória, em diversos momentos, buscou recuperar os seus objetivos iniciais de organizar e planejar, de maneira colaborativa, as atividades curriculares dos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) na APS, buscando potencializar educação interprofissional. No entanto, considerando que são 250 estudantes ingressantes ao ano entre os diferentes cursos (175 em medicina, 25 em cada graduação em fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional) essa tarefa não é simples.

Com a chegada da pandemia e da necessidade de isolamento físico, a maior parte das atividades de ensino desses cursos foi suspensa. Enquanto isso, os docentes, preceptores, médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, e terapeutas ocupacionais integrados nas unidades básicas de saúde, se puseram a elaborar estratégias para ensinar - longe da prática - como a prática acontece. Graduações diferentes com problemas e desafios em comum.

Os educadores começaram a organizar formas audiovisuais para tratar os temas da APS no ensino remoto, com a produção fotos e filmes com imagens dos territórios das UBS, com depoimentos de profissionais, consultas acompanhadas de modo distante, elaboração de dinâmicas didáticas plausíveis na tela, entre outras possibilidades para o momento.

As reuniões da Subcomissão de Atenção Primária à Saúde, que antes eram mensais e há tempos, antes da pandemia, miravam discussões sobre a formação interprofissional, passaram a ser semanais e a versar sobre questões práticas, como o uso de equipamentos de proteção individual, espaçamento das consultas na UBS, manejos do cuidado considerando as necessidades de distanciamento nas atividades de cuidado. No entanto, o descontentamento e a angústia entre os educadores tornaram-se crescentes diante da falta de perspectiva da volta ao ensino presencial.

Da parte dos estudantes, sentimentos ambíguos, como não perder o ano letivo, medo das atividades práticas na UBS, do contato com os usuários, do transporte público, alguns trancaram as matrículas, outros desejosos de se formar o mais rápido possível e de fazer os estágios. Da parte dos educadores, dúvidas sobre como realizar o ensino na tela, como conduzir as atividades práticas, enfim, situações as mais diversas, muitas vezes permeadas por questionamentos importantes.

Eram/são muitos estranhamentos, aqueles advindos de um mundo sem espaço e sem tempo, o mundo virtual, com exigências operacionais. Disciplinas remotas estabeleceram o uso de aplicativos, com os quais nem educandos nem educadores tinham familiaridade. Parte das aulas foi destinada a ouvir e acolher, à distância, o sofrimento dos estudantes e das precariedades vividas. Muitos tiveram/têm dificuldades de acesso à internet, a computadores e outras possibilidades tecnológicas para assistir aula. Outros necessitaram/am

trabalhar, cuidar de irmãos e da casa. Enfim, muitas situações que dificultam o ensino remoto e inibiram/em o ato de abrir as câmeras nas aulas.

Os educadores também ficaram/am inseguros com os encontros na tela, pois, muitas vezes, surgem dúvidas sobre o que está acontecendo com os estudantes, se estão presentes, se estão afetados pelo que está sendo abordado. Esse modo de produzir encontros é frio e impessoal e é vivido por todos os envolvidos de modos estranhos, como narra uma educadora, que se emocionou quando seus estudantes em uma atitude de solidariedade abrem suas telas:

Sempre quando eu termino as aulas eu agradeço a quem manteve ligada a câmera a aula inteira porque isso vai dando um feedback para gente, emocional inclusive. Assim, tem alguém me ouvindo, então eu não estou falando com uma tela, tem ali alguns olhinhos... e aí eu entrei na aula e estavam todos ali com a câmera ligada, eu estranhei eu perguntei: aconteceu alguma coisa? É aniversário de alguém? Não professora, é para você [...]. É, aconteceu, claro, eu perdi duas pessoas da minha família para a pandemia, para o Covid-19 então eles ficaram sabendo... então acredito que foi uma coisa de dar um conforto... e acho que isso de alguma forma é um carinho. (Educador/a).

Em maio de 2020, no momento de aceleração da pandemia, a Subcomissão de Atenção Primária à Saúde decidiu organizar alguns eventos que pudessem falar sobre a mesma. Esse trabalho produziu três grandes eventos virtuais e a organização desse ensaio, o que incluiu outros encontros preparatórios e tempos de estudo, reflexão e escrita sobre as atividades de ensino.

O primeiro evento, também de modo virtual, foi organizado no mesmo mês, com aproximadamente 130 participantes, e versou sobre as possibilidades do trabalho interprofissional no contexto da pandemia. A proposta era iniciar um processo de rompimento da solidão. Para tanto foram convidados profissionais das equipes de saúde da família e do núcleo de apoio à saúde da família, das UBS onde as atividades de ensino da FMUSP são realizadas, para relataram o cotidiano no serviço com a pandemia.

A sensação de desamparo, a perplexidade diante dos acontecimentos, as dúvidas em relação à pandemia, o despreparo institucional do ponto de vista dos recursos técnicos, equipamentos de proteção, alterações das rotinas institucionais, reorganização dos espaços e das agendas, a redefinição das prioridades de atendimento com o abandono de muitos usuários que não tinham Covid-19, mas que precisavam/precisam com urgência de cuidados e não estavam mais sendo acolhidos pelos serviços, as dúvidas sobre o que cada profissão poderia realizar naquele momento, a necessidade de elaborar cognitiva e emocionalmente as demandas constituídas, incluindo o risco diário da contaminação, foram temas do encontro:

O Covid está atravessando a gente de um jeito muito profundo [...]. Ela não é uma boa morte [...]. E aí eu me pergunto: “nós estamos conversando sobre isso com os estudantes?”. Nós temos que conversar sobre isso. Isso é conversar sobre vida e morte. (Educador/a).

Na sociedade capitalista a morte deixa de ser compartilhada e passa a ser afastada do homem, essa condição está presente na pandemia do COVID-19. Para Benjamin (1994a) morrer e narrar tem em si laços essenciais, então o declínio histórico da narração e o afastamento social da morte andam juntos:

Fiquei pensando que a morte está tão perto da gente que é profissional de saúde, e com a Covid ainda mais [...] Está tão presente e é delicado (de abordar) porque mobiliza afetos<sup>5</sup>. (Educador/a).

Muita coisa, desabafos e ao mesmo tempo pedidos de interlocução, de reconhecimento, de presença dos pares e da universidade em tarefas muito duras. Falar sobre a tragédia pareceu uma forma de enfrentar o medo, de expor a fragilidade dos profissionais como seres humanos diante do imponderável.

---

<sup>5</sup> Como definido por Espinosa in: SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Esse debate mobilizou afetivamente a todos e evidenciou o desafio da produção de certo borramento das delimitações profissionais para a produção de um cuidado com qualidade. Na narrativa e na escuta das incertezas e desamparos de todos, pode-se observar que muitas questões que foram atualizadas pela pandemia diziam respeito à história da formação dos estudantes, que precisam ser enfrentadas de alguma maneira, isso fortaleceu esse grupo de educadores e educandos ou, como disse um dos estudantes na avaliação do evento: “que bom que esse encontro existiu, porque me deu esperança”. Esperança entendida como a possibilidade de pensar e estar junto aos colegas.

Os efeitos desse encontro, que teve uma participação ativa de muitos, motivaram o grupo a seguir com a proposta. Dois novos encontros foram programados e realizados: “Antirracismo no cuidado em saúde” e “Antirracismo no Cuidado em Saúde: a Prática da Política Nacional de Saúde da População Negra”, com aproximadamente 120 participantes em cada um. Esses temas ultrapassaram a ideia de discutir apenas a pandemia e o debate tecnicista e centrado na doença. Sabendo que nem todos acessam a saúde de forma equânime, tornou-se evidente a necessidade de promover debates sobre as populações vulneráveis considerando que a formação em saúde deve desenvolver no estudante o comprometimento ético e compassivo, não somente com o individual, mas em especial com o coletivo.

O processo de organização dos encontros favoreceu trocas potentes. O que parecia um projeto arriscado de ser efetivado pela inexperiência com o tema e organização de um evento online tornou-se um laboratório em que todos foram afetados de diferentes formas ao entrar em contato com novas ideias e conceitos. As duas mesas foram compostas por estudantes, trabalhadores de saúde e lideranças de movimentos sociais, todos negros. A participação foi aberta a todos os estudantes da FMUSP e outros trabalhadores de saúde:

E o que mais me tocou no processo todo foi ouvir relatos de racismo sofrido por pessoas que trabalharam tão próximas a

mim ao longo da minha residência médica e dos quais eu nunca tive uma dimensão muito clara. Acontecimentos pontuais no dia-a-dia, que vão compondo uma grande violência, a qual acontece em diferentes camadas do trabalho, manifestando-se de diferentes formas, sempre dependendo do papel social que aquela pessoa ocupa. Tudo isso sendo costurado por conceitos e ideias de pessoas que estudam profundamente e são engajadas politicamente com o tema há muitos anos. Um momento precioso de auto-reflexão e muito aprendizado. (Educador/a).

Inspirados pela coragem dos que contaram as suas histórias nos eventos e dos depoimentos de outros participantes, as pessoas envolvidas na organização ficaram motivadas a escrever uma narrativa sobre o ensino no contexto da pandemia. Os encontros entre os educadores foram redimensionados e tornaram-se mais frequentes, foram denominados de “rodas de conversa”. Era preciso resgatar a experiência, era preciso mobilizar afetos e ir além da oferta de informação, além dos conhecimentos produzidos na prancheta, como sugere Benjamin (1994b).

As disciplinas dos quatro cursos dedicadas aos conteúdos relacionados à APS precisavam ser repensadas e repropostas em sua totalidade, porém a solidão e o desamparo fizeram-se presentes mesmo com as salas de aula on-line repletas. O trabalho remoto evidenciou ainda mais os limites de ensino em base conteudista, centrado na técnica, uniprofissional, capaz de produzir diálogos e encontros entre docentes, preceptores e estudantes. No cotidiano do ensino mediado pela tela, a experiência ficou mais empobrecida, obliterada pela aridez e intensidade frenética do trabalho - agora remoto - e das medidas sanitárias, que interditam o toque e o estar junto.

Constituíam-se como causas desse empobrecimento também questões específicas desse momento histórico, como as (pseudo) relações virtuais em que se têm centenas de amigos, mas nem sequer uma única pessoa para dividir o cotidiano, ou ainda, a impossibilidade de experienciar o espaço da universidade, da sala de aula, das conversas, dos deslocamentos pela cidade e pela faculdade,

enfim, com um processo de ensino-aprendizado centrado no universo pessoal, íntimo e solitário.

Soma-se a essa condição a herança tecnicista, adotada de forma hegemônica pelas profissões da saúde, alicerçadas em grande parte nas ferramentas estatísticas e tecnológicas, onde usuários e trabalhadores da saúde parecem meros acidentes de percurso e não o ponto central do trabalho em saúde.

A tela reforça a ideia de que “estudar” é fixar informações e desempenhar ações meramente tecnicistas, desconsidera assim, a possibilidade de reflexões sobre os temas abordados, o conhecimento construído, suas interpretações, impede o debate sobre assuntos pertinentes à assistência que remetem a aspectos subjetivos, culturais, sociais e políticos da ação no campo da saúde. Essa formação também reforça a ideia da necessidade do primor no desempenho técnico, reduz o olhar do estudante, que se relaciona com o seu fazer profissional sem considerar o outro e as suas necessidades, sem o exercício da alteridade. Nesse sentido, ponderar o lugar das ações técnicas e da herança positivista na saúde durante a formação foi um debate significativo nos encontros, como explicitado na fala de uma educadora, que conta uma situação dramática ocorrida em um atendimento domiciliar de um usuário com deficiência e de sua família, que vive em situação de pobreza extrema, por uma estudante do último ano do curso de graduação:

E eu fico pensando em que momento do curso a gente faz os alunos acharem que não ter comida na mesa ou que não ter roupa para colocar na criança, não ter água, não ter luz, não é clínico. Que isso não faz parte da clínica, como essa pergunta da minha aluna: "vai jogar peso ou não vai jogar peso no lado plégico?". E aí eu fico pensando, o que quê a gente faz com eles para eles entenderem que a clínica não é só uma clínica das sequelas, no nosso caso. Ou uma clínica da doença no caso da medicina. Onde é que isso se perde no curso? E eu acho que isso também tem a ver com o jeito que a gente vai se posicionando também em relação ao sofrimento da família. Então... eu saí arrasada daquela casa, não conseguia mais pensar. E a gente tinha outro atendimento logo na sequência. O que a gente fez? Trocou de roupa, lavou a mão, e fomos fazer o outro

atendimento - então, essa coisa, meio fábrica,... e eu fico me perguntando onde é que a gente perde o humano nessa história toda. Porque nem eles [usuários] nem a gente [trabalhadores] têm o direito de sermos humanos nessa equação. (Educador/a).

Como então superar na academia a “fúria positivista”, acentuada em tempos de pandemia, de ensino remoto, que inviabiliza a construção crítica e criativa do livre pensar? Essa questão ainda é presente. Não se trata apenas de uma reforma curricular, versa sim em deprender o que se faz há anos no espaço acadêmico na lógica reducionista e positivista, de reinventá-lo com propostas humanistas e complexas. O tempo frenético do capitalismo está presente no campo educacional que abrevia as atividades reflexivas, pois com a pandemia, há um grande número de exigências institucionais, de uma multiplicidade de encontros organizacionais do ensino remoto:

Tem que criar um tempo e um espaço com outros interlocutores para falar do que aconteceu. Porque senão é como engolir um negócio que você não consegue nem mastigar, pode ser bom, pode ser ruim e aquilo fica atravessado em você. Então eu acho que a gente tem que criar esses tempos. Não dá para ser assim no ensino, fazer tudo correndo. Então, nós temos que ter esses tempos e criar situações de impasse, de pergunta, como o Benjamim faz lá com as crianças na rádio de Berlim, criar perguntas, criar desafios e poder pensar junto com eles (Educador/a).

Nas rodas de conversa as pautas da saúde coletiva foram retomadas como uma possibilidade de enfrentamento da pobreza de experiência, em uma constatação de que no tempo presente a ação na APS encontra-se, muitas vezes, abreviada a atividades programáticas e, reduzidas na complexidade do seu entendimento:

Mas eu penso muito nisso, na saúde coletiva como esse lugar que pode nos alimentar com as paixões alegres<sup>6</sup>, que dá uma ética, um chão político. Não político de político-partidário, mas político no sentido da política pública, a questão da cidadania. A maior das paixões tristes é o medo. E para enfrentar uma paixão triste a gente tem que ter uma paixão alegre. O que é uma

---

<sup>6</sup> Paixões alegres e tristes como definido por Espinosa in: SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

paixão alegre? Ela é mais potente do que o medo. Ela é a possibilidade de compor e enfrentar o medo na direção do fortalecimento da potência dos corpos [...]. (Educador/a).

A experiência-narrativa, tal como posto por Benjamin (1994b) está fundada no interesse de se constituir como um conselho carregado de sabedoria. No ensino de saúde, em sala de aula e/ou na atividade prática, existem muitas possibilidades de experiências-narrativas, em que o educador conta histórias vividas e o estudante presencia situações inéditas, não imagináveis na literatura ou em imagens, quando os acontecimentos despertam novas explicações, com interpretações singulares, que afetam a constituição de cada um como profissional de saúde. A pandemia chegou atropelando o homem, modificando seus hábitos e, muitas vezes, até a sua cultura, interferindo no cotidiano historicamente constituído, questionando a tradição:

[...] Estamos formando profissionais que desejam a mudança do mundo e vão trabalhar para isso ou profissionais que precisam fazer o certo para nada dar errado? [...] Eu acho que essa pergunta sempre atravessa a minha prática como docente. Eu acho que tem uma diferença imensa nessas duas visões. E eu quero formar profissionais para que desejem mudar e não profissionais que esperam que nada dê errado, porque isso é impossível. (Educador/a).

Muito se tem falado das benesses da internet, do que ela possibilitou na pandemia. Sim, sem ela não se conseguiria imaginar como seria ou ainda será o encaminhamento de muitas questões. No entanto, ainda se faz necessário refletir sobre a natureza do ensino remoto, questionar se a informação pode substituir a “autoridade” da experiência e da sabedoria acumulada, se o seu caráter de “realidade”, com a precisão e atualidade do conhecimento não corrói o conhecimento fundado na sabedoria, no humanismo.

Para Benjamin (1994) a narrativa-experiência ocorre em momentos compartilhados da vida. Também precisa de um espaço comum para ocorrer o

encontro dos narradores com seus ouvintes, espaço esse distanciado do cotidiano pessoal:

Na disciplina de humanização os alunos tinham que escrever um parágrafo e um dos alunos trouxe esse poema nesse parágrafo, e eu gosto tanto desse poema e fazia anos que eu não lia [...] porque na correria do dia a dia a gente acaba não se preocupando tanto com isso, faz anos que eu não leio Fernando Pessoa. Então eu vou trazer as duas últimas estrofes desse poema pra vocês, é bem famoso, é o Presságio:

“Mas quem sente muito, cala  
Quem quer dizer quanto sente  
Fica sem alma nem fala  
Fica só, inteiramente!  
Mas se isto puder contar-lhe  
O que não lhe ousou contar  
Já não terei que falar-lhe  
Porque lhe estou a falar”

Na hora da narrativa, eu confesso que eu chorei, eu falei gente, que lindo, que bom, e às vezes a gente tem dificuldade de se expressar e acaba sentindo muitas coisas [...]. Eu acho que é isso, a pandemia fez a gente descobrir o belo das coisas, mesmo da natureza, do verde, o que verdadeiramente importa nas coisas. (Educador/a).

## ***E agora José? O que, como educadores, podemos aprender com a experiência do Covid-19?***

O filósofo aponta que esse impasse epistemológico e ético instaurado pelo projeto burguês da “barbárie negativa”, com uma experiência que é pobre em conhecimentos acumulados, necessita ser enfrentado pelo homem moderno de forma radical e consciente, com a assunção da pobreza, o contentar-se com pouco, seguir sempre em frente, é que um conceito verdadeiro de experiência se constituirá em bases sólidas. No entanto, é preciso mais, há a necessidade de ao se concentrar em sua pobreza, ter clareza em relação aos seus limites e possibilidades, assumir um novo conceito, o da “barbárie positiva”, tornar-se um bárbaro. Tornar-se um bárbaro especial, aquele que segue em frente, sem

olhar para os lados, um homem que se proponha a transformações éticas, que transforme sua pobreza em uma experiência-narrativa:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas.[...] Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. (BENJAMIN, 1994b, p. 205).

Com os limites do ensino remoto corre-se o risco da atividade do educador ficar reduzida a fornecer informações, com aulas pré-preparadas, os estudantes reconhecidos como aqueles que devem submeter-se passivamente a processos de assimilação dos conteúdos e, por sua vez, o educador não mais entendido como narrador, ou seja, desqualificado em seu conhecimento, impossibilitado de promover situações de indagação sobre os fenômenos e de cuidar das relações éticas, humanistas e relacionais presentes no trabalho em saúde. Sem a narrativa pode não haver o traço, o rastro da experiência, do conhecimento acumulado na sensibilidade do educando e do educador, não se constituir a memória.

No ensino remoto a sensação de que o tempo passa rápido e de que o espaço específico se faz desnecessário provoca, ao mesmo tempo, uma falsa aproximação dos sujeitos e um afastamento da consciência histórica, é como se houvesse um encolhimento do mundo, tudo está próximo, no entanto, nada presente. A cognição é demandada em função de outras formas de compreensão, com uma requisição extrema do mental em detrimento de outras funções corporais ligadas à memória, o que pode minimizar a experiência.

É como se não houvesse um chão que pudesse sustentar esse tempo, que se espera, seja de passagem. Os encontros promoveram reflexões que remontam a observar o quanto é necessário o ensino na APS estar em sintonia com os princípios norteadores do nascimento do SUS, do trabalho interprofissional

colaborativo e de questões éticas e humanistas na formação do profissional de saúde.

Em momentos de transformações intensas, onde projetar-se no futuro parece um desafio, ao mesmo tempo em que é o único lastro que ressignifica e apoia princípios e ações nas salas de aula vítreas ou nos caóticos serviços de saúde, que vivem situações onde pouco se tem a narrar, perguntar é preciso.

Como fica a educação em saúde, sobretudo na APS? Como afirmar as premissas da saúde coletiva no processo formativo em detrimento de propostas biomédicas aliadas às máximas do capitalismo neoliberal, com ensino remoto? Essas perguntas marcam a intensidade do afetamento produzido pela pandemia nos cotidianos de nossas vidas como educadores, e possibilitam compreender que esta não está sendo apenas uma vivência. Resgatar a importância da narrativa no campo da saúde coletiva, na contemporaneidade, passa, de certo modo, pela possibilidade de voltar a perguntar, por sair do pré-estabelecido, do tecnicamente adequado. Voltar-se para a experiência, e a partir dela produzir novos caminhos e possibilidades de se lançar no futuro. Beber nas experiências de outros atores da saúde coletiva brasileira, que também viveram em tempos sombrios, recuperar a experiência como uma herança inestimável para o campo da saúde.

A experiência vivida pelos educadores da Subcomissão de Atenção Primária à Saúde subordinada à Comissão de Graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo está permeada de reflexões e o que pode estar por trás da tela tem muitas possibilidades, mas com certeza, a saída para o momento do ensino na pandemia foi de resgatar a narrativa, fiar, tecer, ouvir, desenvolver o trabalho artesanal nos encontros da narrativa-experiência na ação educativa, como um bárbaro especial.

## **Grupo de Educadores da Atenção Primária à Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo:**

Ana Paula Andreotti Amorim - Programa de Atenção Primária à Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [ana.amorim@fm.usp.br](mailto:ana.amorim@fm.usp.br) Orcid: 0000-0002-7307-4647. Médica (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo), residência em Medicina de Família e Comunidade (FMUSP) e mestranda pelo departamento de Medicina Preventiva (FMUSP). Médica de ensino e pesquisa no Programa de Atenção Primária à Saúde da FMUSP. Tem experiência nas áreas de sexualidade, saúde da população LGBTQIA+, violência de gênero e controle social no SUS, com atuação no Núcleo de Sexualidade da Residência de Medicina de Família e Comunidade (FMUSP) e no Núcleo de Ensino sobre Sexualidade na Graduação (FMUSP).

Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza - Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [camila.reata@usp.br](mailto:camila.reata@usp.br), ORCID: 0000-0003-3268-8316. Terapeuta ocupacional (USP), Mestre em ciências (USP), Doutora em Humanidades (USP). Docente temporária e Terapeuta Ocupacional do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP.

Carolina Hart Rodes - Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. Email: [carolina.rodes@fm.usp.br](mailto:carolina.rodes@fm.usp.br), ORCID: 0000-0003-1093-4782. Fisioterapeuta (USP), Residência Multiprofissional em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Atenção Básica (SMS-SP), Especialização em Cuidados Integrativos (Hospital Sírio-Libanês).

Daniela Regina Molini-Avejonas - Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [danielamolini@usp.br](mailto:danielamolini@usp.br), ORCID: 0000-0002-9768-882X. Fonoaudióloga (USP), Mestre e Doutora em Ciências (USP) e Livre-Docente Saúde Mental (FMUSP). Docente do Curso de Fonoaudiologia/FMUSP, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação/ FMUSP. Atuação e pesquisa: Atenção Primária à Saúde, Saúde Mental/Autismo.

Gustavo Kang Hong Liu - Programa de Atenção Primária à Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [gustavoliu@gmail.com](mailto:gustavoliu@gmail.com) ORCID: 0000-0002-0438-238X. Graduação e residência em Medicina de Família e Comunidade pela FMUSP. É profissional de ensino e pesquisa na FMUSP. Atuação e pesquisa: Atenção Primária à Saúde, Educação em Saúde.

Itamar de Souza Santos - Departamento de Clínica Médica, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [itamarss@usp.br](mailto:itamarss@usp.br), ORCID: 0000-0003-3212-8466. Graduado em Medicina e Matemática Aplicada e Computacional, com Habilitação em Saúde Pública (USP). cursou três anos de Residência Médica em Clínica Médica no Hospital das Clínicas da FMUSP e doutorado em Ciências Médicas pela USP. É Professor Livre-Docente pela FMUSP. Professor Associado (MS-5) do Departamento de Clínica Médica da FMUSP e pesquisador do Centro de Pesquisa Clínica e Epidemiológica do Hospital Universitário da USP

Mariana Eri Sato - Supervisora do Programa de Atenção Primária da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). E-mail: [mariana.sato@fm.usp.br](mailto:mariana.sato@fm.usp.br), ORCID: 0000-0003-1867-7485. Médica pela FMUSP, residência em Pediatria no Hospital das Clínicas da FMUSP e mestrado em Medicina Preventiva pela FMUSP. É titulada em Medicina de Família e Comunidade pela Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade e especialista em Cuidados Integrativos pela Universidade Federal de São Paulo.

Ralf Braga Barroso - Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [ralf.barroso@fm.usp.br](mailto:ralf.barroso@fm.usp.br) Orcid: 0000-0001-8612-8328. Fisioterapeuta (UFJF). Residência Multiprofissional em Saúde (UNIFESP). Mestre e Doutorando (FMUSP). Fisioterapeuta e Supervisor de Estágio de Graduação na Atenção Básica. Atuação e Pesquisa: Políticas Públicas, Atenção Básica, Deficiência e Inclusão.

Silvia Cristina Sawada - Programa de Atenção Primária à Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [silvia.sawada@fm.usp.br](mailto:silvia.sawada@fm.usp.br) Orcid: 0000-0002-5505-0975. Profissional de ensino e pesquisa (FMUSP). Médica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Residência médica em medicina de família e comunidade no Hospital das Clínicas da FMUSP - Ribeirão Preto. Mestre em Saúde na Comunidade pelo Departamento de Medicina Social do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

Tatiana Milla Mandia - Programa de Atenção Primária à Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [tatiana.mandia@fm.usp.br](mailto:tatiana.mandia@fm.usp.br) Orcid: 0000-0003-2033-2419. Médica (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo). Residência de Medicina de Família e Comunidade (FMUSP). Médica de ensino e pesquisa da disciplina de Atenção Primária à Saúde da FMUSP

Thais Moura Ribeiro do Valle Nascimento - Programa de Atenção Primária à Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [thais.valle@fm.usp.br](mailto:thais.valle@fm.usp.br) Orcid 0000-0003-2737-9754. Profissional de ensino e pesquisa FMUSP. Médica pela Faculdade de Medicina da Universidade de Santo Amaro. Residência médica em medicina de família e comunidade na FMUSP. Mestre em Ciências Médicas FMUSP. Doutoranda em Ciências Médicas FMUSP.

Daniela Regina Molini-Avejonas - Departamento Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [danielamolini@usp.br](mailto:danielamolini@usp.br), ORCID: 0000-0002-9768-882X. Fonoaudióloga (USP), Mestre e Doutora em Ciências (USP) e Livre-Docente em Saúde Mental (FMUSP). Docente do Curso de Fonoaudiologia FMUSP, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação FMUSP. Atuação e pesquisa: Atenção Primária à Saúde, Saúde Mental/Autismo.

## Referências

BENJAMIN W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov (1936). In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas, ensaios sobre literatura e história da cultura**. V. 1. São Paulo: Editora Brasiliense; 1994a. p. 197-221.

BENJAMIN W. Experiência e pobreza (1933). In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas, ensaios sobre literatura e história da cultura**. V. 1. São Paulo: Editora Brasiliense; 1994b. p. 123-129.